

PARA-AISTHÊSIS PROJETIVA E TRANSIÇÃO AUTOPARADIGMÁTICA

Wanderley Carvalho

RESUMO. A projeção consciencial, vivenciada de maneira lúcida, é descrita na vasta literatura da área como propiciadora de uma série de benefícios, dentre os quais figuram os de caráter educativo. Por não se tratar de atividade corriqueira para a maior parte das consciências intrafísicas que habitam este Planeta e por envolver percepções sensoriais de alto impacto, a projeção consciencial expõe seus protagonistas, especialmente os iniciantes, ao risco de vivenciarem fenômenos ao modo do deslumbramento, quando a meta seria a ampliação do autoconhecimento e da maturidade consciencial, preferencialmente com vistas à assistencialidade. Neste artigo, uma experiência projetiva vivida pelo autor é apreciada quanto ao seu potencial para promover a transição autoparadigmática. Preliminarmente, são tecidas considerações teóricas sobre paradigma, experiência e *para-aisthêsis*, esta última aqui empregada para, alternativamente, designar a vivência projetiva em toda sua complexidade, afastando o caráter mercadológico, superficial e efêmero que costuma acompanhar o conceito contemporâneo de ‘experiência’. A seguir, tem lugar o relato contextualizado e a análise propriamente dita, a partir da qual se conclui que a *para-aisthêsis* projetiva em questão atuou como promotora da transição autoparadigmática de seu protagonista.

Palavras-chaves: *para-aisthêsis* projetiva; experiência fora do corpo; transição autoparadigmática; deslumbramento.

INTRODUÇÃO

A projeção consciente humana, também conhecida como “experiência fora do corpo”, “desdobramento” e “viagem astral”, entre muitas outras denominações, é a “experiência peculiar de percepção do meio (ou ambiente), seja espontânea ou induzida, na qual o centro de consciência de alguém parece se situar em uma locação espacial separada do próprio corpo humano vivo (soma respirando)” (VIEIRA, 2002, p. 107).

Dentre os diversos usos¹ e benefícios – de caráter terapêutico², psicológico³, parapsíquico⁴ e educativo – proporcionados por essa prática, entendemos ser esta última categoria a merecedora de maior atenção, por estar mais intimamente alinhada ao conteúdo e aos propósitos deste texto. Gustus (2015, p. 246) destaca as seguintes contribuições educativas proporcionadas pela projeção consciente humana: a) expansão do autoconhecimento; b) substituição da ignorância, da crença, da fé e da especulação pelo conhecimento adquirido através da experiência em primeira mão; c) aceleração da maturidade pessoal e d) desmistificação de muitos enigmas relativos à existência do ser humano.

Há pouco mais de dez anos, o autor deste artigo teve uma experiência fora do corpo – a segunda na atual vida intrafísica⁵ até então, porém a primeira com longa duração aparente e riqueza de detalhes – que pode ser entendida como de grande potencial educativo no que diz respeito à mudança de certas concepções relacionadas à vida humana. Encarada como um importante marco, um divisor de águas, no processo de transição evolutiva da consciência que por ela passou, a referida experiência torna-se agora alvo de escrutínio à luz do paradigma consciencial, contando ainda com a contribuição teórica de autores externos a tal sistema de referência.

Como o acima citado exame se circunscreve no âmbito da experiência vivida e do papel por ela desempenhado na transição autoparadigmática do autor, o texto encontra-se organizado de maneira a contemplar aspectos conceituais direta ou indiretamente relacionados a ambos os fenômenos. Assim, após as devidas

1 Com o intuito de ressaltar a grande abrangência da aplicação da experiência fora do corpo, destacam-se, a título de exemplo, cinco usos específicos da mesma: a) fortalecimento antecipado à pessoa em vias de expor-se a risco de morte biológica; b) prestação de assistência, a partir de ação realizada em ambiente não físico, a pessoas desta dimensão que sejam portadoras de deficiências; c) desfrute de uma liberdade extrafísica temporária por pessoas encarceradas ou com deficiência que lhes restrinja ou impeça a locomoção; d) vivência de um contato social extrafísico por pessoas solitárias ou socialmente excluídas; e) utilização mais eficaz do tempo por parte de aposentados e demais indivíduos com disponibilidade em sua agenda (GUSTUS, 2015, p. 247; VIEIRA, 2002, p. 849).

2 Entre os possíveis benefícios terapêuticos da projeção consciente figuram: a) supressão do medo da morte (tanatofobia); b) assistência a consciências das dimensões física e extrafísica; c) redução das próprias inseguranças como consequência de um aumento substancial da autoconfiança, competência, concentração e do desejo de conduzir a vida com propósito; d) melhora dos reflexos e da memória (GUSTUS, 2015, p. 245-246).

3 Os benefícios psicológicos compreendem, entre outros: a) menor importância atribuída a bens materiais; b) prioridade dirigida à assistência a outras pessoas e não à autossatisfação; c) encontros com entes queridos já desamados (falecidos); d) realização de minipausas extrafísicas em locais físicos ou não; e) constatação de que o suicídio não é via para por fim aos problemas (Ibid., p.246)

4 No âmbito parapsíquico, alguns dos benefícios são: a) comprovação, por vivência pessoal, de que a consciência não se extingue com a morte biológica; b) recuperação de memória relativa a vidas passadas (retrovidas); c) conversão de, aproximadamente, um terço da vida humana (tempo utilizado para o sono), em atividade consciente e produtiva; d) recuperação de memória relativa ao propósito da presente vida humana; e) desenvolvimento acelerado de atributos parapsíquicos; f) aumento da lucidez quanto às interações energéticas ocorridas entre consciências (físicas ou não); g) verificação da existência ou não de intrusos extrafísicos ligados ao(a) projetor(a) (Ibid., p.246-247).

5 Vida intrafísica: existência da consciência humana na dimensão material ou intrafísica (VIEIRA, 2002, p. 1105).

abordagens teóricas sobre paradigma, seguem-se as relacionadas à experiência e *para-aisthêsis* para então proceder-se à descrição e análise da vivência projetiva em foco.

Vivemos um tempo marcado pela instabilidade do novo, do diferente, do efêmero, do espetacular e do mercadológico, no qual os acontecimentos que passam a vida das pessoas transcorrem de maneira crescentemente acelerada, reduzindo a experiência a meros estímulos fugazes e instantâneos, fácil e prontamente substituídos por outros estímulos igualmente fugazes e efêmeros (HARVEY, 1996, p.140-161; FORQUIN, 1993, p.18-19). Nesse contexto, a experiência se nos apresenta “na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma de vivência instantânea, pontual e fragmentada” (BONDÍA, 2002, p.23). Em suma, os acontecimentos e as excitações que os acompanham são muitos, mas a experiência queda-se esvaziada de sentido e empobrecida, guardando pouca relação com o que é originalmente.

Diante disso, este autor entende haver um sério risco de que o entendimento do significado do vocábulo ‘experiência’, quando empregado para designar a vivência da projeção consciencial lúcida, resulte minimizado, superficializado. Por outro lado, o termo ‘*para-aisthêsis*’ deriva conceitualmente da *aisthêsis* aristotélica, que remete à ideia de percepção sensorial da realidade como um todo indivisível, mas que aí não se esgota, pois, por não se dissociar da cognição, leva à produção de sentido e, conseqüentemente, de conhecimento. Além disso, por estar ausente dos discursos mercadológicos contemporâneos e ter seu uso restrito ao âmbito conscienciológico, *para-aisthêsis* mostra pouca ou nenhuma suscetibilidade a banalizações, fato que reforça os argumentos para que esse termo seja empregado como alternativa para designar a vivência lúcida fora do corpo em toda sua complexidade e potencialidade de promover a transição autoparadigmática.

Feitos os esclarecimentos de caráter conceitual, o presente texto prossegue, conforme apontado, com o relato contextualizado e a análise da experiência projetiva em questão. Por fim, algumas considerações finais são tecidas com vistas a evidenciar os aspectos mais significativos da experiência em análise e de sua contribuição para a transição paradigmática experimentada pelo autor.

PARADIGMA: UM SISTEMA DE CONCEPÇÕES PROPRIOCENTRADO

A palavra ‘paradigma’ tem origem no latim tardio *paradigma* – *atis*, este derivado do grego *parádeigma* – *atos*, e significa ‘modelo, padrão, estalão’ (CUNHA, 2010, p. 475). Platão (c.427-348 ou 347 a.e.c) empregava o termo como sinônimo de arquétipo, isto é, um modelo perfeito, eterno e imutável de qualquer objeto existente no mundo natural (JAPIASSU & MARCONDES, 1993, p.189).

Interessado nos mecanismos por meio dos quais se dá o processo de produção, adoção e superação das teorias científicas, o filósofo da ciência Thomas Samuel

Kuhn (1922-1996) denominou “ ‘paradigmas’ as realiza es científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e solu es modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1992, p. 13). Tais realiza es, segundo o citado autor, envolveriam a ado o de todo um corpo de saberes de ordem conceitual, teórica, metodológica e instrumental, responsável por orientar uma sucessão considerável de investiga es, conduzidas sempre com base em suas antecessoras, e que têm em comum tanto a forma de elaborar um problema de pesquisa quanto os padrões adotados para solucioná-lo (KUHN, 1992, p. 25; 65). Eis, aqui, a razão pela qual Kuhn considera os paradigmas como fontes modelares de problemas e suas respectivas solu es.

Cabe acrescentar as contribui es de Barker (1994) que, valendo-se das ideias de Kuhn, postula sinteticamente que todo paradigma corresponde a um conjunto de regulamentos e regras que, além de estabelecerem limites ou fronteiras, oferecem os meios para a soluço de problemas dentro desses mesmos limites ou fronteiras. Dessa forma, a ado o de um paradigma deve ser vista como conduta não neutra e até mesmo portadora de um conjunto de repercussões de diversas ordens ao qual Barker atribui o nome de “efeito paradigma”. Dentre tais repercussões, uma interessa mais de perto quando o que está em jogo   a nossa própria transi o paradigmática: paradigmas atuam como se fossem filtros, deixando passar ideias, instrumentos e práticas que lhes são afins e rejeitando aqueles que não são. Via de regra, paradigmas são sistemas propriocentros, egoicos, pois visam, precipuamente,   manuten o e a sobrevivência de si próprios, qualquer que seja o custo, e isso implica manter-se constantemente rodeados e permeados por visões de mundo que os defendam da intrusão de ideias contrárias e, portanto, amea adoras⁶. Esse provavelmente tenha sido o motivo pelo qual Thomas Kuhn afirmou haver uma circularidade que acompanha a escolha entre um dado paradigma e outro que a ele se opõe, pois cada um de nós tende a utilizar “seu próprio paradigma para argumentar em favor desse mesmo paradigma” (KUHN, 1992, p.128)⁷.

No âmbito do microuniverso consciencial⁸, sob o ponto de vista evolutivo, um paradigma geralmente identifica-se com sistema de concep es que nos

6 Cumprer destacar o importante papel que o Princípio da Descrença (VIEIRA, 2006, p.613), a Teoria das Verdades Relativas de Ponta e o Universalismo (VIEIRA, 2002, p. 348; 360) assumidos pela Conscienciologia desempenham como atenuantes do “efeito paradigma” aqui discutido.

7 Originalmente, a cita o refere-se a debates envolvendo paradigmas em competi o, defendidos por seus respectivos grupos de adeptos e praticantes, e não a uma decisão individual por um ou outro paradigma. No entendimento do autor deste artigo, contudo, a ideia se aplica perfeitamente a casos de transi o autoparadigmática como o aqui apresentado e discutido, principalmente se levadas em conta as considera es feitas imediatamente antes e após a própria cita o.

8 O microuniverso consciencial corresponde ao microcosmo da consciência quando considerado relativamente ao macrocosmo do Universo. Sob essa perspectiva, a consciência   vista como um todo, com todos os seus atributos, pensenes (pensamentos, sentimentos e energias) e manifesta es exibidos ao longo da sua evolu o (VIEIRA, 2002, p.1106).

acompanham há muito tempo, seja desde muito cedo em uma vida intrafísica, seja ao longo de várias retrovidas⁹, ou ainda, ambas as situações (GUSTUS, 2015, p.145-152). Considere-se ainda que essas concepções não possuem bases unicamente racionais, mas envolvem também sentimentos e emoções das mais variadas categorias que, na maioria das ocasiões, vinculam-se a imaturidades evolutivas (BALONA, 2015, p.200-201). Além disso, na maior parte dos casos essas visões da realidade sequer nos são acessíveis por meio das ferramentas e métodos usualmente empregados pela sociedade intrafísica, pois não pertencem ao universo daquilo que convencionalmente costuma-se chamar de ‘consciente’.

O fato é que, se considerada, exclusivamente, a presente existência intrafísica, uma parcela significativa dos nossos pensamentos, sentimentos e ações resultam de um processo de internalização de aprendizagens feitas tanto pela via explícita – nos casos em que somos verbal e claramente informados por outras pessoas do nosso convívio desde o nosso nascimento – quanto pela via implícita, isto é, no sem número de ocasiões em que observamos e, geralmente, copiamos as atitudes alheias (OGILVIE & ANGLIN, 2004, p.2). Portanto, nosso quadro de referência para fruição, compreensão e intervenção no mundo intrafísico é, em grande parte, moldado pela nossa percepção do ambiente (mesologia) e pelo espírito da época, por meio de um processo que envolve uma interação entre a sociedade e o indivíduo, aos moldes de um condicionamento social.

Acrescente-se a esse fenômeno, de um lado, a condição da serialidade – a série de vidas intrafísicas pelas quais passamos, sempre intercaladas por períodos intermissivos – que nos confere, a cada existência na dimensão intrafísica, uma paragenética (bagagem existencial) com alto potencial influenciador sobre nossas concepções e posturas e, de outro, a afinidade que temos com aqueles – conscins e consciexes¹⁰ – que conosco compartilham um determinado sistema de crenças e/ou concepções e teremos aí as condições ideais para a manutenção de um paradigma (GUSTUS, 2015, p.113-126 e 145-152; OGILVIE & ANGLIN, 2004, p.18-22; KUHN, 1992, p.125-127).

Vale ressaltar que os sentimentos e emoções anteriormente mencionados não só se constituem em elementos fundamentais para que o amálgama paradigmático se consolide em nosso microuniverso consciencial, como também atuam ao modo de ferozes cães de guarda, prontos a defender o sistema, ainda que diante de

9 Retrovida: existência humana anterior, recente ou remota, à atual vida intrafísica (TELES, 2014, p. 214).

10 O paradigma consciencial reconhece que a consciência é multidimensional, ou seja, é capaz de manifestar-se em dimensões outras além da material, e o faz por meio de veículos ou corpos de manifestação, a saber: soma ou corpo físico; energossoma ou corpo energético; psicossoma, corpo emocional ou corpo extrafísico e mentalsoma ou corpo mental. Com a morte biológica, a então consciência intrafísica (conscin) descarta o soma e, após tempo variável, o energossoma, e retorna à sua origem extrafísica (paraprocedência) onde, agora como consciência extrafísica (consciex), permanece por tempo também variável denominado período intermissivo para, em seguida, ressomar, ou seja, voltar a manifestar-se fisicamente por meio de um outro soma. A alternância entre vidas intra e extrafísica repete-se muitas vezes e varia de acordo com o progresso ou nível evolutivo alcançado pela consciência e corresponde à chamada serialidade ou série de vidas sucessivas (GUSTUS, 2015, p.31-48; 111-126 e 171-172; VIEIRA, 1997, p.38-39).

um modesto sinal de invasão, esta entendida como qualquer ideia – via de regra, capaz de despertar sentimentos e emo es – que não se coadune com o paradigma e, portanto, ameaça a estabilidade do conjunto (OGILVIE & ANGLIN, 2004, p.5). Em suma, na qualidade de sistema muito bem articulado de concep es, um paradigma mostra-se firme e inabalável qual robusta árvore centenária dotada de raízes profundas tenazmente aderidas ao solo   qual nos agarramos como se nossa existência dependesse dessa atitude. Eis o motivo pelo qual cambiar de um paradigma a outro   uma tarefa que se coloca como sério desafio para todas as consciências e, na maioria das vezes, requer um processo gradativo de transi o.

EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO

A etimologia da palavra “experiência” prov m do latim *experientia* e, genericamente,   empregada para exprimir a ideia de ‘experimento, prática, habilidade’ (CUNHA, 2010, p. 280). Um olhar ligeiramente mais detido aos três significados atribuídos ao vocábulo nos sugere ser ele portador de uma dimensão cognitiva, aspecto que parece confirmar-se por defini es que aludem a “qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos” (HOUAISS & VILLAR, 2009, p. 858) ou a “um conhecimento espontâneo ou vivido, adquirido pelo indivíduo ao longo de sua vida” (JAPIASSU & MARCONDES, 1993, p. 92).

Essa rela o entre experiência e conhecimento ou, mais especificamente, aprendizagem, foi minuciosamente explorada pelo educador estadunidense John Dewey (1859-1952), para quem todo ato que envolve o aprender ocorre por meio da experiência, muito embora “nem todas as experiências sejam genuína ou igualmente educativas” (DEWEY, 2008, p.11, tradu o nossa). Isso porque, segundo o autor, tanto o envolvimento e os propósitos do aprendiz quanto a forma com que ele constrói significados são elementos decisivos para que a experiência resulte em aprendizagem. Na concep o de Dewey, um elemento subjacente – a qualidade estética - seria o responsável pelo sentido e significado absolutamente pessoais que o indivíduo atribui   experiência, pois resulta de uma rela o sinérgica entre aquilo que   percebido pelos sentidos e o componente apreciativo desse mesmo indivíduo (DEWEY, 1989, p. 18, 24, 47 e 109).

Ampliando o olhar sobre a tri de experiência-sentido-conhecimento para além dos contextos escolares, Bondía (2002, p. 8) concebe a experiência como “aquilo que ‘nos passa’ ou que ‘nos toca’ ou que ‘nos acontece’ e, ao passar-nos, nos transforma” e afirma que, diante disso, “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto a sua própria transforma o.” Nessa concep o, o saber que deriva da experiência depende da maneira com que respondemos ao que nos ocorre ao longo da vida e do sentido que atribuímos a esses fatos – o acontecimento em si e a resposta dada diante dele. Não se trata, portanto, de uma busca pela ‘verdade absoluta’, mas “do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece (...) saber que revela ao homem concreto e singular (...) o sentido ou o sem-sentido de sua

própria existência (...) um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal” (BONDÍA, 2002, p. 10).

A Conscienciologia reconhece a autenticidade da tríade experiência-sentido-conhecimento, porém a ela acrescenta um quarto componente: a evolução. Isso porque, na perspectiva conscienciológica, a experiência, na qualidade de vivência pessoal, tem como fim maior proporcionar um conhecimento voltado à autoevolução consciencial¹¹, o que nos leva a reconhecer que, também sob a óptica dessa neociência, a experiência identifica-se com a ideia de autotransformação. Mais ainda, o modo com que um indivíduo responde ao que lhe passa a cada momento da sua vida e o sentido que ele atribui a cada uma dessas ocorrências são também fatores que concorrem para que, do ponto de vista evolutivo, o conhecimento autotransformador efetivamente ocorra. A verdade aqui proporcionada é relativa, personalíssima e autoevidente, devido ao intrínseco vínculo com a evolução pessoal, e requer engajamento da consciência autoinvestigadora no que tange a ponderação, discernimento e reflexividade dedicados à experiência (ZASLAVSKY, 2013, p. 33 e 36).

PARA-AISTHÊSIS: A SINERGIA (PARA)PERCEPÇÃO-COGNIÇÃO

Na filosofia aristotélica, *aisthêsis* representa a capacidade corporal, cujas bases encontram-se em um poder oriundo de nossa *psychê*¹², de percebermos objetos e fenômenos no mundo por intermédio de cinco vias sensoriais. Segundo essa concepção, o ‘objeto’ percebido exerce sobre nós uma impressão (nos marca) ou um impacto (nos atinge) como um conjunto indissociável de sensações simultâneas, ainda que cada uma delas possa ser experimentada individualmente num mesmo intervalo de tempo (VERRIPS, 2006, p. 30). Nessa perspectiva, o termo *aisthêsis*, frequentemente traduzido como ‘percepção sensível’, designa tanto a percepção do mundo pelos cinco sentidos como um todo indivisível quanto o conhecimento sensorial derivado dessa experiência, ao que se associa também o ato de perceber a própria ocorrência da percepção (ARISTÓTELES, 2006, p. 270 e 284).

11 Tanto na intrafiscalidade quanto na extrafiscalidade, muitas são as experiências pelas quais a consciência pode passar, especialmente as resultantes dos relacionamentos mantidos com outras consciências, o que representa uma grande oportunidade de adquirir conhecimentos de várias ordens, incluindo-se aqui o desenvolvimento de novas habilidades, capacidades e atributos que podem traduzir-se em sabedoria diretamente aplicável à existência e ao convívio. Eis aqui uma síntese do que, em termos conscienciológicos, entende-se por evolução consciencial, conceito mais amplo que o de evolução biológica, este restrito à dimensão física (GUSTUS, 2015, p. 31-48 e 111-126; VIEIRA, 1997, p. 101).

12 Na obra intitulada *De Anima* (em grego *Peri Psychês*), Aristóteles (384-322 a.e.c) concebe a *psychê* – o equivalente de ‘alma’ ou ‘consciência’ – como o princípio comum a todos os seres vivos (seres animados) e que portanto os diferencia dos seres não vivos ou inanimados. Nesse sentido, a alma (substância ou forma) é tida como aquilo que é natural e inseparavelmente inscrito nos organismos, a capacidade efetiva (dita ‘primeira atualidade’) que, juntamente com o corpo (matéria), constitui uma unidade ordenada, no melhor sentido do termo, que é o ser. Sob essa óptica, a alma seria dotada de cinco atributos ou capacidades, aos quais Aristóteles atribuiu o nome de ‘potências’: a) nutritiva; b) perceptiva; c) desiderativa; d) locomotiva e e) racionativa (ARISTÓTELES, 2006, p. 20, 22, 25, 28, 77).

Mais de dois mil anos nos separam dos tempos de Aristóteles e, nesse período, o conceito de *aisthêsis* distanciou-se consideravelmente do original, tendo caído gradativamente no esquecimento ou, segundo autores como Heckert (2006, p. 158), por exemplo, dado origem ao vocábulo ‘estética’¹³, cujas acepções são as mais variadas possíveis tanto ao longo da história quanto em um determinado período da mesma, especialmente o atual, quando até a aquisição de um veículo é entendida como uma ‘experiência estética’ ou, simplesmente, ‘experiência’. Aqui reside a motivação para que seja revisto o emprego do vocábulo ‘experiência’ para designar a vivência projetiva.

Com a publicação, em 1982, da tese ‘*Aisthêsis*: princípios e perspectivas do sentido aristotélico’, o filósofo alemão Wolfgang Welsch (1946-) resgata a essência desse conceito e, partindo do pressuposto de que a produção de sentido¹⁴ é indissociável da condição humana, defende que não pode haver atribuição de sentido sem que ao indivíduo ocorram episódios sensoriais. Sob esse prisma, o conhecimento decorre da produção de sentido e este, da experiência sensível (HERMANN, 2006, p. 33), esta última entendida como “uma especial ‘comunicação’ entre sujeito e objeto” (FUSCO, 1952, p. 8).

Essa convivência íntima do ser humano com um mundo que lhe faça sentido e o papel preponderante da experiência nesse processo – que envolve simultaneamente fruição e conhecimento – é defendida também pelo filósofo e psicólogo estadunidense William James (1842-1910). Em sua obra intitulada ‘Empirismo Radical’, James combate os tradicionais dualismos ‘mente/corpo’, ‘sujeito/objeto’ e ‘espírito/matéria’ e advoga em favor de uma experiência plural, contínua e concatenada, na qual os componentes epistemológico e metafísico do ato de conhecer encontram-se simultaneamente presentes e amalgamados pela própria experiência em si (RAZZO, 2012, p. 66, 68 e 69). James alude a uma apreensão da realidade, via experiência, na qual as partes desta última se entrelaçam por meio de relações que são, elas próprias, também integrantes da experiência, sem que para a validação desta concorram quaisquer recursos empíricos externos (JAMES, 1987, p. 826 apud RAZZO, 2012, p. 69). Nessa óptica, o sensível e o racional são dimensões indissociáveis de uma experiência autotransformadora, processo ao qual poderíamos nos referir como “fruição pensante” (MAFFESOLI, 1998, p. 196).

No âmbito conscienciológico, a experiência não só desempenha papel epistemológico decisivo, também assume como conjunto integrado e indissociável de componentes, dentre os quais figuram os obtidos pela via sensorial. Para Zaslavsky (2013, p. 33 e 36), na óptica da Conscienciologia, a experiência “se dá enquanto totalidade complexa, singular, individual” (...) e é “composta de diversos

13 Parece não haver consenso quanto à etimologia da palavra ‘estética’. Para Japiassu e Marcondes (1993, p. 88), o vocábulo provém do grego *aisthētikós*, de *aisthanesthai*, enquanto Cunha (2010, p. 270) indica origem também grega, porém a partir de *aisthētikē*.

14 O termo ‘sentido’ é aqui empregado como sinônimo de ‘significado’.

elementos, os quais preenchem o espectro da autoconsciência, ao modo das percepções sensoriais, as emoções, os raciocínios, as memórias, as intuições e também a cognição que extrapola o corpo, o espaço e o tempo físico, denominado extrasensorial”. Para o autor desse artigo, trata-se de uma concepção bastante alinhada com o conceito de *aisthês*is, daí a proposta de que esse termo seja utilizado alternativamente à ‘experiência’.

Experiências envolvendo um ou mais dos cinco sentidos costumam ser acompanhadas por sentimentos de admiração e surpresa, que podem ser fontes de alto potencial motivador para o pensamento e a reflexão (DAHLIN, 2001, p. 130), atitudes fundamentais a serem adotadas na experiência projetiva para que se possa obter o máximo aproveitamento possível em termos evolutivos. Por outro lado, é preciso que a pessoa esteja suficientemente atenta no sentido de evitar que esses mesmos sentimentos a levem, ao contrário, a incorrer no chamado deslumbramento, fenômeno caracterizado por estado de euforia que atenua substancialmente ou mascara as percepções e parapercepções. Relativamente comum nas primeiras vivências projetivas, o deslumbramento restringe o entendimento aprofundado das mesmas, tornando-as superficiais e pouco produtivas (LAVÔR, 2010, p. 69).

Vale, portanto, a adoção de todas as medidas profiláticas disponíveis quanto à ocorrência do deslumbramento e demais simplificações associadas, visando à autêntica *aisthês*is da projeção consciencial lúcida que, no âmbito deste texto, denominaremos *para-aisthês*is projetiva. O emprego do novo termo como alternativo à ‘experiência’ atua, na concepção deste autor, como substancial adjuvante nessa tarefa.

A EXPERIÊNCIA FORA DO CORPO EM ANÁLISE

Em 2008, este autor teve sua primeira longa e rica experiência projetiva lúcida, provavelmente patrocinada¹⁵, cujo relato pormenorizado, transcrito *in litteris* em relação ao registro original¹⁶, encontra-se a seguir.

O relato

05/02/2008, manhã de terça-feira de carnaval, entre 5h e 9h.

Após levantar-me para tomar água, por volta das 4h, voltei a deitar-me e, algum tempo depois, adormeci. Em dado momento, vi-me em um local fechado,

15 A projeção lúcida patrocinada ou assistida é aquela desencadeada por um amparador extrafísico (VIEIRA, 2002, p. 787). Este, por sua vez, é uma consciência benfazeja e auxiliadora de uma ou mais consciências humanas afins a determinado nível evolutivo (Ibid., p.1098).

16 Ressalte-se o papel crucial que o registro fiel e detalhado da vivência projetiva (projeciografia) desempenha para o entendimento dessa mesma vivência individualmente e, por comparação, das vivências pretéritas e futuras, bem como para a realização de autopesquisa (como fonte de dados) e desenvolvimento da própria projetabilidade lúcida (SIVELLI & GREGÓRIO, 2014, p. 31; VIEIRA, 2002, p. 768).

cujas características lembravam as de um museu arqueológico ou algo do g nero, com câmaras pequenas e iluminadas difusamente por lâmpadas amareladas (tipo incandescente). Não vi as tais lâmpadas, mas o padrão de luz visualizado era t pico das mesmas.

O fato   que eu parecia estar realmente visitando o local a exemplo do que se faz em museus. Minha impressão era a de estar acompanhado por alguém que se encontrava ligeiramente atrás de mim,   minha esquerda, e cuja presença era mais intuída, sutilmente percebida, do que propriamente vista.

Ocupando uma das paredes da câmara que eu “visitava”, havia um mamífero esculpido em posi o deitada sobre as patas e com a cabeça erguida, tal qual se verifica em cães, por exemplo. A propósito, o animal em questão lembrava um canídeo com focinho fino e orelhas pontiagudas. Adornando-o, encontravam-se algumas pequenas pedras semelhantes a cristais e com brilho intenso.

Fixei o olhar nessa escultura por algum tempo e, ao desviá-lo em busca de uma nova peça em exposi o, percebi que a imagem acompanhou o movimento dos meus olhos e cabeça. Imediatamente após, comecei a levitar, ou volitar, subindo lenta e continuamente, em trajetória helicoidal, até ver-me de frente a uma parede de tijolos aparentemente assentados com barro e manchados aqui e acolá com pequenas por oes de tintas de várias cores. Nesse momento, tive a clara e imediata percep o de que poderia estar projetado e que, para certificar-me, o ideal seria tentar atravessar a tal parede. Esticando meus braços, encostei as palmas das duas mãos na superfície da parede, experimentando de imediato a completa falta de resistência do material. Diante dessa constata o, lancei-me na dire o da parede e, sem qualquer esforço, atravessei-a, indo parar numa espécie de “poço de elevador”, cujas paredes se assemelhavam a faces de pirâmides com inscri oes em relevo.

Enquanto fluuava nesse túnel pouco iluminado, tive a convic o de estar projetado e, como que lembrando das aulas do CPC, passei a mentalizar a frase “quero boas energias”. A cada vez que a frase era “pensada”, o som da sua vocaliza o era ouvido por mim com um efeito de reverbera o. Não me recordo ao certo quantas vezes a frase foi repetida em pensamento, mas parece-me que o número total de vezes foi em torno de cinco.

A experiência foi interrompida com um pequeno estalo produzido pela janela do quarto, percebido com uma nitidez incrível. O retorno   vigília física foi imediato e percebido de maneira bastante clara. O despertar trouxe consigo uma sensa o agradável, além de uma aparentemente completa rememora o. Meu soma parecia envolto por uma camada delgada daquele ambiente, fen meno que perdurou por alguns minutos.

Essa vivência me marcou muito pelo seu realismo e pela singularidade, clara distin o de qualquer sonho que tive até hoje e lucidez com que a experimentei. (Registro feito em 06/02/2008, entre 17h30min e 18h10min)

O contexto

Este autor, à época em que o episódio acima descrito se deu, voluntariava há três anos e meio numa Instituição Conscienciocêntrica da cidade em que reside; participou de diversos cursos e dinâmicas parapsíquicas; frequentava, nessa mesma instituição, o Curso de Projeciologia e Conscienciologia (CPC), resultado de uma parceria com o Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC) de São Paulo, capital, quando o referido curso se encontrava na 18ª das quarenta aulas previstas.

O autor mantinha contato semanal com conceitos fundamentais da Conscienciologia e, vez por outra, vivenciava fenômenos relativos às práticas energéticas das quais participava, tais como descoincidências, olorização, sensação de aragem e parapercepção impressiva característica de presença de consciex. Entretanto, embora considerasse a projetabilidade lúcida perfeitamente plausível, admissível, lógica e interessante, não ter ainda vivenciado a projeção o levava a concebê-la como algo cuja comprovação estava reservada a pequeno grupo de consciências especialmente dotadas para tal.

A religiosidade estava longe de ser um traço importante desta consciência que, apesar de ter, ao longo da sua vida até então, transitado por várias crenças, não praticava ou professava, há muito tempo, qualquer modalidade de fé. Por outro lado, esse distanciamento religioso, somado à formação acadêmica adquirida, chegava a atingir os limites do ateísmo, do agnosticismo e do ceticismo hipertrofiado. Daí sua predisposição em admitir a existência de outras dimensões, desde que a mesma estivesse alicerçada em bases científicas, aqui entendidas como conscienciológicas. Por outro lado, a referida predisposição coexistia com uma conflitante descrença na própria capacidade de acessar essas realidades, um privilégio ao qual fariam jus o autor dos tratados utilizados nos cursos e os ministrantes destes.

Reflexões acerca do episódio projetivo¹⁷

As repercussões trazidas por uma experiência fora do corpo como a aqui relatada são, indubitavelmente, várias, mas consideramos que, dado o grau de relevância percebido pelo sujeito da vivência, o mais apropriado será colocar em destaque duas delas:

1) A constatação – na prática, pelo conhecimento direto e de maneira inquestionável – da realidade extrafísica e da projeção consciencial como via de acesso a essa realidade, algo já bastante difundido nos meios conscienciológicos, mas que, em consonância com o Princípio da Descrença, deve ser vivenciado pelo

17 Ainda que bem elaborada, a projeciografia pouco ou nada representa para o aprimoramento consciencial, especialmente no que concerne à nossa relação com a multidimensionalidade, se não for submetida à projeciocrítica ou projecioanálise, um exame acurado da(s) vivência(s) projetiva(s) com o intuito de compreendê-la(s) em profundidade (LOPES, 2015, p.65; VIEIRA, 2013, p.149).

próprio indivíduo. Concorreram para tal constata o os seguintes aspectos: a) a aparente longa dura o da experiência projetiva; b) a riqueza de detalhes; c) o nível de lucidez e controle; e d) o grau de memora o dos detalhes. Na primeira experiência lúcida fora do corpo, vivida pelo autor, vários desses elementos estiveram presentes, porém sem os diferenciais da dura o percebida, do grau de controle e da riqueza de detalhes, seu potencial educativo ficou minimizado, ainda que não possa, em absoluto, ser considerado inócuo.

2) O papel autorrevelador de experiências dessa natureza, pois elas, também na prática, pela via direta, revelam o indivíduo a si próprio como alguém capaz de projetar-se lucidamente e obter benefícios – não importam quais, desde que cosmo ticos – dessa vivência. Cai por terra, a partir da , aquela concep o de que as experiências fora do corpo são reservadas a alguns poucos eleitos, integrantes de uma elite dotada dos meios para acessar a realidade extrafísica.

  lícito ressaltar que, apesar do considerável impacto vivencial produzido pelo fen meno projetivo em questão, este autor: 1) não se sentiu compelido a comunicar o ocorrido às pessoas de seu convívio, fossem elas conscienciologas ou não; 2) tampouco enveredou pelo caminho da simplifica o da vivência, limitando-se a reter apenas seus aspectos marcantes no campo das sensa es; 3) pelo contrário, cuidou de registrar a experiência por escrito com o maior detalhamento possível, restringindo a comunica o oral   cônjuge, também conscienciologa, e a dois epicons da Institui o Conscienciocêntrica na qual voluntariava¹⁸; e 4) adicionalmente, organizou-se no sentido de: a) compreender o que o episódio vivenciado representou; b) identificar as perspectivas que se abriram a partir dele; c) traçar novas metas; e d) buscar atingi-las. Tais medidas são melhor explicitadas a seguir.

CONSIDERA ES FINAIS

A vivência aqui relatada e discutida colocou o protagonista diante de realidades que conflitavam com suas concep es iniciais, ao mesmo tempo que abriu possibilidades para adquirir visão mais ampla a respeito de fen menos não experimentados antes e que, por isso, se lhe mostravam pouco tangíveis. Assim, atributos como projetabilidade lúcida e multidimensionalidade deixaram de ser meros conceitos, ainda que coerentes e plausíveis, para tornarem-se componentes de realidade não acessada anteriormente porque sua explora o depende dos corpos conceitual e sint tico¹⁹ específicos, no caso aqui os que integram a Conscienciologia.

18 Vieira (2002, p. 781) alerta para a “compulsão ou febre de comunicar as vivências projetivas felizes aos outros” que costuma acometer os(as) projetores(as) deslumbrados(as) e recomenda “prudência, bom-senso e critério” diante desse impulso.

19 O corpo sint tico de uma área do saber compreende aspectos relativos ao método ou padrão de procedimentos por meio dos quais, fazendo uso de seu corpo conceitual, a referida área busca atingir seus propósitos investigativos (SCHWAB, 1977, p. 172)

De posse dos recursos teóricos e práticos adequados, a realidade foi então ressignificada, pois passou a incluir tanto a multidimensionalidade quanto os meios para acessá-la. O pesquisador que até então atuava exclusivamente dentro dos limites da sociedade intrafísica: 1) constatou, pela própria experiência, a relação e a coerência existentes entre conceitos que figuram entre os princípios conscienciológicos basilares e deles com a prática defendida pela Conscienciologia; 2) diante disso, passou a ver-se – e a atuar – também como um potencial pesquisador dessa neociência; 3) aprofundou seus estudos; 4) participou de diversos outros cursos e atividades da área conscienciológica; 5) além disso, tornou-se tenepessista²⁰; e 6) intensificou sua atuação junto ao Colegiado Técnico-científico da Instituição Conscienciocêntrica da qual era membro na ocasião. Nesse sentido, vivenciou uma transição autoparadigmática e dela fez uso.

Na qualidade de consciência, este autor participou por inteiro, com todo o seu holossoma²¹, da experiência projetiva examinada neste artigo. Portanto, não se pode descartar a possibilidade de que, para além das já citadas repercussões de ordem cognitiva, tenham ocorrido também as de ordem sensorial, emocional e, provavelmente como desdobramento do processo educativo, ainda as de ordem atitudinal. Todas essas repercussões amalgamaram-se e, sinergicamente, produziram a ressignificação experimentalada.

Nos tópicos “Experiência e Conhecimento” e “*Para-aisthêsis* projetiva: a sinergia (para)percepção cognição”, este autor destacou ser a produção de sentido o grande pilar sobre o qual se dá a construção de um conhecimento que é sempre particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal e que ultrapassa os limites do corpo físico do indivíduo. Sentidos – também aqui entendidos como significados – são produzidos no âmbito da experiência, caracterizada por percepções sensoriais e extrassensoriais, emoções, memórias e raciocínios que se fazem acompanhar por sentimentos de admiração e surpresa. Estes, por sua vez, podem tanto atuar como estimuladores do pensamento e da reflexão, gerando saber que conduz a ressignificação da realidade por parte do sujeito, quanto esgotarem-se em si mesmos em poderoso e embotado comportamento hedonista, em uma identificação direta com o desgastado e distorcido conceito de experiência assumido por grande parte da sociedade intrafísica contemporânea.

No que diz respeito ao autor deste texto, a possibilidade de tornar-se um neoprojetor deslumbrado era real, notadamente em virtude dos seguintes fatores: 1) sua

20 Tenepessista é o praticante da *Tarefa Energética Pessoal* (Tenepes), atividade diária e com horário fixo, realizada individualmente na vigília física pela consciência humana e que consiste na transmissão de energia consciencial (EC), auxiliada por amparador(es), diretamente para consciências carentes ou enfermas, sejam elas extrafísicas (consciexes) ou intrafísicas (conscins), projetadas ou não, próximas ou a distância (VIEIRA, 1996, p. 11) .

21 Holossoma: conjunto de veículos de manifestação da consciência intrafísica ou conscin (soma, energossoma, psicossoma e mentalsoma) e da consciência extrafísica ou consciex (psicossoma e mentalsoma) (VIEIRA, 2002, p. 1105).

inexperiência no tocante às vivências extrafísicas; 2) sua propensão a experimentar momentos de euforia intrafísica (euforin) sem um adequado controle sobre esse estado; e 3) ao menos em parte, por seu ceticismo exacerbado. Contudo, a considerável disciplina mental e o exercício habitual da autocrítica que trazia consigo²², aliados ao embasamento teórico-prático recebido desde que foi me apresentado o paradigma consciencial, atuaram de maneira decisiva na evitação do fenômeno do deslumbramento, pois abriram espaço para uma atuação que, sendo holossomática, contou com o devido balizamento do mentalsoma, por meio do qual puderam atuar a ponderação, o discernimento e a reflexividade mencionados no tópico “Experiência e Conhecimento” deste artigo.

Assim, a despeito das sensações e sentimentos experimentados, o efêmero, o fugaz e o fugidio – elementos típicos da concepção contemporânea de experiência – decididamente não fizeram parte da relação deste autor com o fenômeno vivenciado, quer nas decisões que tomou a partir dele, quer na análise que dele fez. Por esse motivo, entende-se que a vivência aqui sob escrutínio alinha-se ao conceito de *para-aisthêsis* projetiva e, nessa condição, catalisou um autêntico processo de transição autoparadigmática de seu protagonista.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *De Anima*. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

BALONA, M. *Autocura através da reconciliação: um estudo prático sobre a afetividade*. 4ª ed. rev. ampl. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2015.

BARKER, J. A. *A questão dos paradigmas (Discovering the future)*. Cotia, SP: Siamar Educação e Treinamento, 1994. 1 DVD (38 min.).

BONDÍA, J. L. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n.19, 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. rev. atualiz. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAHLIN, B. The primacy of cognition or of perception? A phenomenological critique of the theoretical bases of science education. In: BEVILACQUA, F.; GIANNETTO, E.; MATHEWS, M. (eds), *Science education and culture*. London: Kluwer Academic Publishers, 2001, p. 129-151.

DEWEY, J. Art as Experience. In: BOYDSTON, J. (Ed.) *John Dewey The Later Works*. Vol 10. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1989.

_____. Experience and Education. In: BOYDSTON, J. (Ed.) *John Dewey The Later Works*. Vol 13. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press, 2008.

22 Vale citar os quatro fatores destacados por Vieira (2002, p. 781) que contribuem para a ocorrência do deslumbramento entre projetores(as) lúcidos(as): a) a inexperiência quanto às vivências extrafísicas; b) a euforia intrafísica indomada; c) a indisciplina mental e d) a ausência franca de autocrítica.

FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FUSCO, R. *Introdução à experiência estética*. Brasil. Ministério da Educação e Saúde – Serviço de Documentação, 1952. (Os cadernos de cultura)

GREVERUS, I-M; RITSCHHEL, U. *Aesthetics and Anthropology: performing life, performed lives*. Hamburg: Lit Verlag, 2009. (TRANS anthropological texts series, 9)

GUSTUS, S. *Experiências fora do corpo ao alcance de todos: guia prático para compreender a consciência e usufruir os benefícios da vida interdimensional*. Trad. Denise de Carvalho Rocha. São Paulo: Cultrix, 2015.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HECKERT, P. Design aesthetics: principles of pleasure in design. *Psychology Science*, 48 (2), 157-172. 2006.

HERMANN, N. Ética, estética e alteridade. In: TREVISAN, A.L.; TOMAZETTI, E.M. *Cultura e alteridade: confluências*. Ijuí, RS: Unijuí, 2006. p. 32-40

HOUAISS, A.; VILLAR, M.S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. *Dicionário básico de filosofia*. 2ª ed. reimpr. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. (Debates, 115)

LAVÔR, L.C.F. Autossuperação do deslumbramento: uma experiência pessoal. *Conscientia*, 14(1), 67-75, jan./mar., 2010.

LOPES, T. *Desenvolvimento da projetabilidade lúcida*. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2015.

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Trad. Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

OGILVIE, D.M.; ANGLIN, S. *The anatomy of internalized beliefs*. 2004. Disponível em <https://www.coursera.org/learn/soulbeliefs2/supplement/FkLEf/the-anatomy-of-internalized-beliefs>; acesso em 21/01/2019.

PRITCHARD, M. Directions in contemporary German Aesthetics. *The Journal of Aesthetic Education*, 43(3), 117-127, 2009.

RAZZO, F.A. Consciência e experiência no empirismo radical de William James. *Cognitio-Estudios: Revista Eletrônica de Filosofia*. São Paulo, 9 (1), 65-72, jan.-jun. 2012. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/cognitio/article/view/8126>; acesso em 04/05/2020.

SCHWAB, J. J. (1977). The concept of the structure of a discipline. In: EISNER, Elliot W. & VALLANCE, E. (eds.). *Conflicting conceptions of curriculum*. Berkeley: McCutchan Publishing Corporation.

SIVELLI, F.R.; GREGÓRIO, M.C. *Autoexperimentografia Projeciológica: proposição metodológica para registro e análise da experiência fora do corpo*. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2014.

TELES, M. *Zéfiro: a paraidentidade intermissiva de Waldo Vieira*. Foz do Iguaçu, PR: Associação Internacional Editares, 2014.

VERRIPS, J. Aisthesis & An-aesthesia. In: LÖFGREN, O.; WILK, R. *Off the Edge: experiments in cultural analysis*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press – University of Copenhagen, 2006. p. 29-36

VIEIRA, W. *700 Experimentos da Conscienciologia*. 3 ed. rev. ampl. Associação Internacional Editares, 2013.

_____. Princípio da descrença. In: *Enciclopédia da Conscienciologia*. Edição protótipo. Foz do Iguaçu, PR: Editares / CEAEC, 2006.

_____. *Projeciologia: panorama das experiências da consciência fora do corpo humano*. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC), 2002.

_____. *200 teáticas da Conscienciologia: especialidades e subcampos*. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, 1997.

_____. *Manual da tenepes: tarefa energética pessoal*. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Internacional de Projeciologia, 1996.

ZASLAVSKY, A. Da dúvida metódica ao princípio da descrença: para uma ciência da auto-consciência. *Interparadigmas*, 1(1), 25-39, 2013.

Wanderley Carvalho é professor universitário aposentado. Doutor e mestre em Educação (PUC-SP); especialista em Biologia Celular e Histologia Geral Aplicadas às Ciências Biológicas e da Saúde pela Escola Paulista de Medicina (UNIFESP); licenciado em Ciências Biológicas. Estudioso da Conscienciologia desde 2004, voluntário do Colégio Invisível de Dessomatologia (CID) a partir de 2019 e co-organizador e coautor do livro *Dessoma: novas abordagens para o estudo da morte* (2019).